

AS INTER-RELAÇÕES CORPORAIS NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO: UMA REFLEXÃO À LUZ DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Daniela Guidini; Lucimara Bittencourt Tribossi; Mara Silvia Damasco

RESUMO: O presente trabalho pretende retratar alguns aspectos que permeiam a temática gênero e sexualidade e suas correlações com as aulas de Educação Física. Como esse tema está intrincado nas inter-relações corporais evidenciam-se atitudes que estão presentes no cotidiano em nossa sociedade, portanto, no meio escolar. Enquanto profissionais da área da educação, nós professores de Educação Física somos parte do processo de formação da identidade dos alunos, que será construída ao longo do seu tempo através de suas experiências vividas. Com esse contexto, buscamos refletir sobre as aulas como um espaço que deve priorizar o contato com a diversidade.

PALAVRAS CHAVE: Identidade; Gênero; Sexualidade; Educação Física

ABSTRACT: The present work intends to portray some aspects that embrace the thematic gender and sexuality and its correlations with the classes of physical education. As that theme is included in the corporal interrelations attitudes they are explored that are present in the daily in our society, for so much, in the school middle. While professionals of the area of the education, in the teachers of physical education are part of the process of formation of the students' identity, that will be built along its time through its lived experiences. With that context, we looked for to contemplate on the classes as a space that should prioritize the contact with the diversity.

INTRODUÇÃO:

Enquanto pesquisa, o presente trabalho pretende retratar a temática que permeia os aspectos sobre gênero e sexualidade, bem como suas implicações para as aulas de Educação Física. Conscientes do nosso papel enquanto mediadores somos parte de um processo de formação de identidade de um indivíduo, que será construída ao longo do seu tempo através de suas experiências vividas. Neste contexto, refletimos sobre as aulas de Educação Física como um espaço que permite o contato com a diversidade.

OBJETIVO: Temos como objetivo levar os profissionais da área e os que nela tão logo ingressarão, à refletir sobre a importância das aulas de Educação Física não só no aspecto motor/qualidade de vida, mas sim no aspecto social, onde a busca pelo ser humano passa a ser fundamental.

METODOLOGIA: Desde pequeno o homem se pergunta: Como nascem os humanos? Como se origina o universo? Porque existimos? Enquanto adultos, chegamos saber como nascemos, ou seja, deciframos a concepção, processo pelo qual o espermatozóide e o óvulo se combinam para formar uma célula nova chamada “zigoto”. Essa célula se duplica continuamente, transformando-se num embrião, depois num feto, e finalmente, num ser humano complexo com bilhões de células especializadas com diferentes funções. Contudo, ainda não temos respostas certas sobre a nossa origem e não sabemos se algum dia nós iremos encontrar. As religiões, os mitos e a ciência tentam dar algumas respostas, mas a dúvida persiste, como muitas outras perguntas também surgem sobre o homem e o contexto complexo no qual o ser humano está inserido.

De acordo com Duarte apud Rodrigues (1998), a categoria espécie humana é definida como elementos biológicos diferenciando o homem dos demais seres vivos. Esses elementos biológicos são transmitidos por meio de herança genética. Já para o

gênero humano, são reservadas características humanas estruturadas através das experiências sociais, nesse caso, não são transmitidas geneticamente. Nessa linha de pensamento, podemos considerar que o homem transmite, hereditariamente, os mecanismos biológicos da sua espécie, mas as características que permitirão considerarmos um ser humano não são unicamente herdadas.

[...] a formação do indivíduo é um duplo processo de relacionamento com o gênero humano, isto é a apropriação das características humanas objetivadas e a objetivação individual mediada pelo que foi apropriado. Enquanto a categoria espécie humana é uma categoria biológica, a de gênero é uma categoria histórica, ou seja, sintetiza os resultados da autoconstrução humana. [...] Gênero humano é uma categoria que expressa a síntese em cada momento histórico, de toda objetivação humana até aquele momento. (DUARTE, 1993, p..18).

Várias características humanas são responsáveis para a caracterização do gênero. Isso nos leva refletir sobre identidade, valores, características que nos diferenciam, tabus e comportamentos disseminados em nossa cultura. As experiências vividas pelo ser humano através do seu ambiente social, em contato com a diversidade, fazem com que o indivíduo aproprie-se de valores que corroboram para a construção de sua identidade.

Podemos entender, a partir de Ferreira (1993, p.291), que identidade significa “qualidade de idêntico, os caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo”. No entanto, na Enciclopédia Larrousse (1995, p.3063), define-se identidade como: “identidade social, convicção do indivíduo de pertencer a um grupo social, a qual repousa sobre um sentimento de comunidade geográfica, lingüística, cultural, e que ocasiona certos comportamentos específicos”. Assim, partindo do pressuposto que o indivíduo é considerado um ser com características pessoais em relação a uma coletividade, pode-se considerar que cada pessoa possui sua própria identidade.

Entretanto, de acordo com Grossi (1998 apud SCHIMITZ & SAYÃO 2001, p.3), a identidade de gênero remete a constituição de um sentimento individual de ser menino ou menina. Ao longo de nossas vidas vamos desenvolvendo uma percepção de quem somos, inclusive em relação aos aspectos referentes ao gênero. Definir-se por constituir-se homem ou mulher faz parte de um processo cultural, porque nascemos com um sexo biológico masculino ou feminino, mas nos tornamos homens ou mulheres para além deste sexo biológico. Neste contexto gênero é uma definição biológica dos órgãos sexuais que compõem o ser humano.

O conceito de gênero nos permite realçar a construção social de identidades, masculinas, femininas, homossexuais ou outrem. Não se refere necessariamente ao processo biológico que fermenta as vidas humanas. Isto não quer dizer que o próprio processo biológico não seja construído paulatinamente também em termos sociais, isto é, não seja resultado, em parte, da interação humana, na qual a percepção não se reduz a uma dinâmica interna: “O gênero é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”. (SCOTT, 1990 apud RODRIGUES, 2001, p.145)

É perceptível que ao falarmos de gênero, recorreremos a um conceito como forma de referirmos à existência de relações de poder. Como cita Scott (1990 apud Rodrigues, 2001, p.146) “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos e o gênero, é um modo de dar significado às relações de poder”.

Perante este processo de construção sociocultural, faz-se necessário ressaltarmos que ao passar a mensagem de que identidades masculinas, femininas e

outras são socialmente construídas, poderia depreender-se que, são por isso, igualmente oprimidas, ou seja, a diferença de poderes pode ser ocultada, despolitizando assim, a relação entre os sexos. Também nos referimos à existência de formas de vida atravessadas por desigualdades de poder, de não reconhecimento dessa importância e a centralidade de cada uma das suas formas identitárias.

O conceito de gênero também aponta para outros fatores, tais como o caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre o sexo e a rejeição do determinismo biológico. Na Enciclopédia Larrousse (1995, p. 2681) a palavra gênero deriva-se do latim: “gênus, genéris”, significando nascimento, raça; gênero. Conjunto de traços comuns a seres ou a coisas, caracterizando e constituindo um tipo, um grupo, um conjunto, espécie, classe, variedade... Modo, maneira, atitude, estilo: “gênero de vida”.

Sob mais essa perspectiva, visualizamos que em cada ser humano, existem aspectos dos gêneros masculino e feminino. Refletindo, podemos pontuar que desde o nascimento, as crianças são tratadas de maneira diferenciada, sutilmente. Sem verbalizar, demonstramos centenas de vezes ao dia para o bebê, que ele é um menino ou uma menina. No tratamento diário, os meninos desde cedo costumam serem cuidados de modo relativamente brutalizado, principalmente na nossa sociedade. Todas as vezes que um menino toma atitude que se coaduna com comportamentos masculinos isso é reforçado através de atitudes do observador. Esse reforço é dado de diversas formas, no tom de voz, na maneira de olhar...

Demonstramos valores enraizados em nós e por mecanismos sociais e, até costume, passamos às outras gerações. Porém, esses comportamentos são ditados pela cultura e apreendidos desde a infância intermitentemente. De acordo com Moreno et al (1999 apud DAMASCO, 2002) essa discriminação, por razões de gênero e força dos costumes, faz com que os meninos sejam estimulados a se identificar com modelos de comportamentos agressivos, dificultando sua entrada no mundo das relações interpessoais e dos vínculos afetivos; conseqüentemente, condenando-os a resolver os problemas, muitas vezes, por caminhos, até violentos.

A sexualidade é definida por papéis traçados pela sociedade, onde o uso do sexo estará em jogo, resguardado pelas regras sociais. Enquanto gênero apresenta papéis assumidos, ou seja, o indivíduo possui um órgão sexual masculino ou feminino com comportamentos definidos como tal. De acordo com Giddens (1993, p. 120) o termo gênero difere-se, portanto, do conceito de sexualidade, onde:

[...] a sexualidade tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós “tem”, ou cultiva, não mais uma condição natural que o indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecidas. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais.

Notamos que, enquanto o corpo determina uma condição imutável do gênero e a sexualidade denota o comportamento inerente às necessidades humanas. Enquanto gênero, o indivíduo apresenta um órgão sexual, e na sexualidade, há um fator comportamental presente em suas atitudes, caracterizando assim, parte de sua personalidade.

Na década de 30, o reconhecimento dado por Freud à sexualidade infantil separou a função sexual da estrita finalidade procriativa e deslocou paralelamente o interesse do aspecto biológico para o emocional, que está na base da sexualidade. A sexualidade encontra neste contexto um rumo democrático, ou seja, deixa de ter o papel dicotômico e passa a ser analisado como opção sexual.

[...] A sexualidade é um nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com

dificuldade, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encandeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder [...] (FOUCAULT, 1997 apud ALTMANN, 2001, p.2)

Assim, observamos questões relativas à sexualidade que estão presentes e constantes em nossas vidas. Há divergências que surgem influenciadas pelo ambiente e valores apreendidos de variadas formas entre os indivíduos. São situações que emergem dos aspectos valorativos relacionado aos gêneros. Podemos verificar que nem sempre o que é de suma importância para um homem, é relevante ao sexo oposto. Mas geralmente há polarização de acordo com o grupo ao qual se pertence.

Existe o homem. Existe a mulher. O masculino e o feminino. O machismo e o feminismo. Suas lutas de poder. Existe um poder basicamente masculino. O homem classifica, segmentariza, ordena, centraliza, cria permanentemente, máquinas binárias (acima, abaixo, central, periférico, etc). (PAVLOVSKY apud FERNÁNDEZ, 1994, p.ix)

A partir dessa consideração podemos observar que, apesar de toda a luta feminina, os papéis dos gêneros não se alteram, pois cada um possui características próprias. As opiniões sobre essa questão são divergentes. Algumas feministas dizem que essas diferenças comportamentais são ensinadas e se deixarmos de lado as diferenças biológicas evidentes, a mulher é igual ao homem. Outros dizem que homem é homem e mulher é mulher e, é por razões biológicas que eles só se parecem, mas se comportam e se movimentam de maneiras diferentes.

Costa e Silva (2001, p. 3), ressaltam que “não podemos esquecer que a construção do gênero em nossa cultura estabelece as potencialidades para as pessoas de acordo com o sexo, o que impossibilita e impede a livre evolução das mesmas”. A sociedade e a cultura humana trataram de pontuar bem esses papéis, dando a cada um dos gêneros características peculiares, inclusive nas obras religiosas.

Se as inter-relações evidenciadas em nossa cultura exercem influência no comportamento humano, quem produz e transforma essa cultura no cotidiano são os próprios homens. Então, talvez de maneira um tanto quanto ingênua, podemos dizer que basta a conscientização a respeito dos mecanismos estruturais que nos cercam, para possibilitar a transformação de nossos atos.

De acordo com Davis (1979), quando nasce um bebê a primeira coisa que todos querem saber é o sexo. E nos primeiros dias de vida, a diferença parece mais anatômica. Porém, à medida que a criança cresce esta começa a se comportar como menino ou menina. Até que ponto, podemos afirmar que esse comportamento tem base biológica ou é uma questão de aprendizado?

No texto, *A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”*, redigido por Daólio (1997), é relatado um fato envolvendo uma aluna, que num momento de dificuldade para executar um movimento na aula de educação física, denominou-se anta, fazendo com que o autor refletisse sobre a visão que as mulheres podem ter de si, do seu corpo e suas possibilidades.

As meninas não se sentem “antas” somente nas aulas, mas também quando realizam atividades físicas nas suas horas de lazer. Estamos diante de um fato social, pontuado por uma história cultural que delegou às meninas brasileiras a condição de “antas” quando

realizam atividades que exigem força, velocidade, destreza. (IBID., p. 80)

Devido a nossa herança cultural, verificamos que são ressaltadas as diferenças entre os meninos e meninas. Acreditamos que os homens tiveram mais oportunidades de aumentar o seu vocabulário motor, demonstrando serem mais atirados fisicamente, ousam e se arriscam mais que as meninas, portanto, estão menos propensos a serem denominados de “antas”.

O conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracteriza uma cultura refletem diretamente no corpo, ou seja, é corpo. A cultura incorporada nos indivíduos muda de uma sociedade para outra e pode ser percebida quando observamos pessoas de diferentes procedências. Porém, mesmo havendo diferença cultural, parece-nos óbvio afirmar que a concepção de gênero feminino é construída diferentemente do corpo masculino, e isso ocorre em qualquer cultura. Esse processo de transmissão de hábitos e valores é realizado através da imitação, ou seja, a criança imita as pessoas que lhe são importantes e que fazem parte do seu meio. Isso ocorre desde a infância, quando a atitude dos pais tem grande influência simbólica perante seus filhos.

Podemos considerar então que há influência sobre os aspectos individuais dos modelos sociais seguidos, e que na maioria das vezes, verifica-se que a sociedade reforça o comportamento adquirido de acordo com o que é comum à maioria da população. Assim, percebemos a força desse mecanismo em uma determinada cultura. Portanto, são nas relações sociais que construímos uma forma de ser, e nelas e sobre elas é que exercemos influências, ocorrendo à configuração das estruturas corporais. Os indivíduos que não se adaptam ao modelo predominante ditado pela sociedade acabam destoando, portanto são excluídos, abrindo portas aos preconceitos e às distâncias sociais.

O controle do uso do corpo aparece, portanto, como necessário ao surgimento da cultura. A cultura nada mais faz do que ordenar o universo por meio da organização de regras sobre a natureza. O controle da sexualidade coloca o corpo como sede da ordenação primeira cultura sobre a natureza. (DAÓLIO, 1994, p.37)

Neste sentido pensamos o corpo como um meio para organizar as regras, os valores; no qual a cultura atua ditando ordens sobre a natureza. Esse controle se faz necessário para o surgimento do universo da cultura como condição da humanidade, de modo que, num processo de incorporação, o homem, através de seu corpo, irá assimilar e se apropriar dos valores, normas e costumes sociais.

Para Barreto (1999, p.1008), homens e mulheres vivem de forma dinâmica no ambiente, modificando-o e ao mesmo tempo sendo modificados por ele sobre todos os aspectos: sua forma de pensar, de sentir e se movimentar. Desta maneira, a compreensão e o comportamento corporal tem características diferentes em cada época e local, estando estas características ligadas aos condicionamentos sociais e culturais de uma dada sociedade e ambiente. E, cada corpo expressa a história de seu tempo acumulada por uma sociedade que nele marca seus valores, leis, crenças, sentimentos e critérios éticos.

Atualmente a mulher tenta dar conta de uma infinidade de papéis e o homem tenta dar conta dessa mulher, sugerindo muitas vezes um comportamento competitivo. Entretanto, estamos nos referindo a seres humanos que se projetam como corpo no mundo, que se relacionam, criam, expressam, sofrem repressões, vibram e movimentam-se, de maneiras diferentes. E neste contexto, os papéis são distribuídos de acordo com as

atribuições, as quais obedecem as normas que devem ser fielmente passadas de geração para geração.

É conflitante para uma menina assumir determinados comportamentos que teriam significados e assimilação com o comportamento masculino, dentro do seu grupo social. Um exemplo disto é o fato de hoje meninas jogarem futebol, o que caracterizava um comportamento masculino em nossa sociedade até pouco tempo atrás. Essa situação também diz respeito aos meninos que, recorrendo às modalidades como a dança, assumem uma postura “delicada”, mais afetiva, e são denominados de “efeminados”, colocando em questão sua virilidade.

Tanto para o menino quanto para a menina, torna-se difícil contrariar as expectativas que se tem dos papéis diante de uma sociedade que atribui valores e marginaliza os que não se modelam nesses parâmetros. Assim, dependendo de sua escolha, serão tidos como rebeldes. Sem dúvida podemos admitir que é mais cômodo cumprir regras sociais e serem vistos como pessoas “bem-sucedidas”.

Entretanto, essas, entre outras questões, vem sendo consideradas na educação física contemporânea levando a diferentes possibilidades pedagógicas de intervenção junto aos corpos. A igualdade de oportunidade nas aulas de Educação Física, conforme Talbot (1993 apud COSTA & SILVA 2001, p. 4), não deve ser pautada na comparação dos meninos com as meninas ou das necessidades de destreza na dança por parte dos meninos e do futebol por parte das meninas. O mais importante é valorizar a diferença e a contribuição individual para todos os meninos e meninas, oferecendo atividade física como direito, com recursos iguais para atividades, sejam elas categorizadas como femininas ou masculinas. Dessa forma, amplia-se a oferta proporcionando um maior elenco de atividades.

Nosso corpo é movimento, é gesto, é expressão, é gênero. Nosso corpo é a denúncia do que pensamos, do que sentimos, do que somos, isto é, da nossa própria identidade. Identidade única que deve ser aceita, preservada, respeitada e embalada por oportunidades igualitárias, projetadas no maior elenco de atividades físicas possíveis; onde cada indivíduo terá o seu momento de se reconhecer como ser único.

Nesse contexto, a escola ocupa espaço significativo porque é um forte meio de transformação, atuando como formadora de opiniões e informando cidadãos. E, neste mecanismo torna-se importante o papel do educador, reconhecendo as diferenças dos gêneros e suas correlações corporais.

Um dos papéis do educador é possibilitar o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e do autoconhecimento. Isso pode se dar através do discernimento que o educador agrega a uma postura reflexiva sobre os acontecimentos, respeitando a si e aos outros, formando opiniões e atitudes e, principalmente, intervindo na formação dos alunos através do enaltecimento da diversidade. Assim, é importante que o educador oportunize imparcialmente o enriquecimento do vocabulário motor, criando espaço para o diálogo, construindo vínculo com o meio social.

Porém, seria uma posição simplista alegarmos enquanto mediadores, que estamos solucionando questões de gênero e sexualidade apenas incluindo as meninas em diversas atividades que são de domínio dos meninos, pois a raiz da questão está no cerne da sociedade.

[...] defender a idéia de que meninos e meninas devem ter aulas de Educação Física juntos não quer dizer que não reconheçamos as diferenças entre um e outro sexo. Claro que elas existem, especialmente biológicas. Porém, essas, como outras que possam existir, como as psicológicas, não são impeditivas de uma Educação Física sem discriminações. (FREIRE, 2002, p. 210)

Contudo, a educação participa no processo de conscientização, trabalhando os aspectos “competitivos” entre meninos e meninas, não apenas salientando suas respectivas diferenças, mas também debatendo suas contribuições numa visão cooperativa; evitando a “guerra dos sexos”. Os momentos de convivência com os alunos de ambos os sexos propiciam a observação e descoberta, facilita a tolerância das diferenças, diminuindo também a hostilidade entre eles. É evidente que a convivência é conflituosa, o que de fato não é prejudicial, pois oferece oportunidades concretas para tais questionamentos.

Para Costa & Silva (2001), a igualdade e diferenças dos sexos, emerge nas questões do processo co-educativo, no qual a Educação Física luta para possibilitar uma equidade, com objetivo de criar um ambiente que permita o desenvolvimento integral do indivíduo: afetivo, social, intelectual, motor e psicológico; sem prejuízos em relação ao gênero, de modo que valorize as diferentes contribuições e habilidades independentes do sexo.

CONCLUSÕES: Afinal, ao pensarmos em valores, será fácil entendermos que eles não têm gênero? Que movimento não tem gênero? Que esporte não tem gênero? Qual a diferença que está na maneira de entendermos as interações? (MACHADO, 2002).

Com a finalidade de transferir estes conflitos para a realidade, o que de fato, influenciará e fará conexão com a vida adulta posterior dos alunos (as), as aulas de Educação Física, poderá utilizar-se de atividades diversificadas, como: grandes jogos, jogos pré-desportivos, ginásticas, lutas, danças, entre outras, adequando as aulas e buscando fórmulas educativas diversas que não prejudiquem a auto-estima dos alunos e que não causem segregação, e nem hierarquização.

E, neste contexto, no qual a barreira das diferenças apresenta oportunidades para terem um fim, a necessidade primordial no momento, é a diversificação nas atividades que ressaltem as diferenças humanas de maneira natural atraindo resultados diversos. Vale ressaltar que o objeto da Educação Física é a motricidade humana e esta só se expressa através das identidades que constituem a diversidade.

Enfim, não queremos dizer que é necessário mudar nossos alunos para que se transforme a educação, e sim, devemos mudar o pensamento e a valorização da humanidade como ela é, fazendo-se respeitar as diferentes culturas, etnias, religiões, experiências, ritmos de aprendizagem e suas capacidades, pois é a diversidade que nos define como seres humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros Curriculares nacionais. In: *XII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 2001. Caxambú-MG: Anais em CD... Caxambu: CBCE, 2001.

BARRETO, D.B.M. Corporeidade e deficiência: um intróito. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis: USC, v. 21, n.2, 1999, p. 1007-13.

COSTA, M. R. F. & SILVA, R. G. *A Educação Física e a Co-Educação: Igualdade ou diferença*. In: *XII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 2001. Caxambú-MG: Anais em CD... Caxambu: CBCE, 2001.

DAMASCO, M. S. *Atividade Física como suporte nas inter-relações com a construção e resgate da mulher*. 2002. 72f. Monografia. Jundiaí: Escola Superior de Educação Física de Jundiaí.

DAÓLIO, J. *Da Cultura do Corpo*. Campinas: Papyrus, 1994.

_____. *Cultura : Educação física e futebol*. Campinas: Unicamp, 1997.

DAVIS, F. *A comunicação não verbal*. São Paulo: Summus, 1979.

DUARTE, N.A. *Individualidade para si*. Campinas: Editora Autores Associados, 1993.

FERNÁNDEZ, A. *A mulher escondida na professora*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1994.

FREIRE, J.B. *Educação de Corpo Inteiro: Teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1997.

GÊNERO, In: GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1995.

GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

IDENTIDADE, In: FERREIRA, ABH. MINI DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

IDENTIDADE, In : GRANDE ENCICLOPÉDIA LARROUSSE Cultural. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1995.

MACHADO, A. A. O feminino na modernidade: mais do que gênero, uma questão de leitura cultural. In: II FÓRUM DE DEBATES SOBRE MULHER & ESPORTE – MITOS E VERDADES, 2002, São Paulo: Anais... São Paulo: USP, 2002.

RODRIGUES, D. (org.). *Educação e diferença: valores e práticas para uma Educação Inclusiva*. Porto: Editora Porto, 2001.

RODRIGUES, G. M. *Reflexões sobre a Educação Física para portadores de necessidades educacionais especiais à luz da individualização*, 1998. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Campinas: FEF/UNICAMP

SCHMITZ, R. & SAYÃO, D.T. Relações de gênero e Infância: A prática de Ensino em Educação Física numa Abordagem Investigativa. In: *XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*, 2001, Caxambú-MG: Anais em CD... Caxambu: CBCE, 2001.